

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

LETÍCIA HELENA TAKENO CAMARGO

**A representação da masculinidade frágil nas mídias sociais:**  
Análise do perfil de Dan Bilzerian no Instagram

SÃO PAULO  
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

LETÍCIA HELENA TAKENO CAMARGO

**A representação da masculinidade frágil nas mídias sociais:**  
Análise do perfil de Dan Bilzerian no Instagram

Monografia de conclusão de curso apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como critério para a formação no curso de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Simone Alves de Carvalho

SÃO PAULO

2020



CAMARGO, Letícia Helena Takeno. **A representação da masculinidade frágil nas mídias sociais:** Análise do perfil de Dan Bilzerian no Instagram. 2020. 54f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Relações Públicas, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Aprovado em: 11/12/2020

Banca

Nome: Simone Alves de Carvalho

Instituição: Escola de Comunicações e Artes - USP

Nome: Renato Gonçalves Ferreira Filho

Instituição: Escola de Comunicações e Artes - USP

Nome: André Luiz Silva Peruzzo

Instituição: Escola de Comunicações e Artes - USP

## AGRADECIMENTOS

Uma das etapas mais importantes que já vivi está para se encerrar, e ela não seria a mesma se não fosse pela minha família e amigos. Gostaria de agradecer a todas as pessoas que estão ou estiveram ao meu lado e contribuíram para eu ser quem sou hoje. Primeiro, à minha família de sangue, que sempre me acompanhou e me apoiou, confiando nas minhas escolhas e processos. Segundo, às pessoas que conheci pelo caminho e decidi abraçar e acolher como família, que me ajudaram em momentos difíceis ou só compartilharam risadas.

Gostaria de agradecer aos Professores que estiveram presentes nesta jornada, em especial Valéria Castro, Waldenyr Caldas, Leandro Leonardo Batista e Simone Alves de Carvalho, os quais lembrei com carinho pelos conhecimentos compartilhados e profissionalismo.

Por fim, agradeço a Universidade de São Paulo, que contribuiu para o meu aprendizado acadêmico e como indivíduo. Obrigada por todas as experiências proporcionadas, que definitivamente excederam o âmbito acadêmico, ampliando minhas possibilidades e visão de mundo. Da sala de aula ao CEPE, do conhecimento acadêmico ao conhecimento pessoal e de vida, do caminho de Guarulhos a São Paulo ou do Brasil para a Itália, todo o percurso durante esses 5 anos me fizeram crescer como profissional e pessoa, e eu só tenho a agradecer.

“Confirmava-me que as mulheres podem ser traídas pela história, mesmo quando dela participaram ativamente e contribuíram para dar-lhe um rumo”.

(Ritanna Armeni, 2019)

## RESUMO

A masculinidade frágil é um obstáculo para homens e mulheres na sociedade contemporânea. Apesar de ser um tema amplamente discutido, este ainda é reforçado pela ordem social e pelos indivíduos por meio das mídias sociais, que atualmente possuem uma grande participação nas redes de relacionamento. Utilizando a Análise de Discurso como metodologia, este trabalho propõe-se a analisar o perfil de Dan Bilzerian no Instagram tendo como suporte uma revisão teórica sobre comunicação digital, masculinidade e a desvalorização do feminino, buscando dessa forma, compreender os conceitos acerca do tema, assim como seu compartilhamento no âmbito digital. Foi possível perceber com a análise do Instagram de Bilzerian que este é a representação da masculinidade frágil, reforçando estes aspectos na sociedade e influenciando outros homens com seu estilo de vida a partir das mídias sociais digitais.

**Palavras-chaves:** mídia social; masculinidade frágil; ordem social;

## ABSTRACT

Fragile masculinity is an obstacle for men and women in contemporary society. Despite being a widely discussed topic, it is still reinforced by the social order and by individuals through social media, who currently have a large participation in social networks. Using Discourse Analysis as a methodology, this work aims to analyze the profile of Dan Bilzerian on Instagram with the support of a theoretical review on digital communication, masculinity and the devaluation of the feminine, thus seeking to understand the concepts about the theme, as well as its sharing in the digital scope. It was possible to realize with Bilzerian's Instagram analysis that this is the representation of fragile masculinity, reinforcing these aspects in society and influencing other men with their lifestyles from digital social media.

**Keywords:** social media; fragile masculinity; social order;

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Exemplo de postagem relacionada à dominação masculina sobre as mulheres.....	37
Figura 2 - Exemplo de postagem relacionada a exaltação da aparência física.....	41
Figura 3 - Exemplo de postagem relacionada a poder e armas.....	43
Figura 4 - Exemplo de postagem relacionada a poder e dinheiro.....	44

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>11</b>
<b>2. A Comunicação Digital</b>	<b>12</b>
2.1. Da Comunicação de Massa à Comunicação Digital	12
2.2. O poder da comunicação digital na sociedade	15
2.3. Construção identitária e sua relação com a comunicação digital	18
2.4. As mídias digitais como redes sociais	20
<b>3. Masculinidade e a desvalorização do feminino</b>	<b>23</b>
<b>4. A masculinidade frágil nas mídias sociais: análise do Instagram de Dan Bilzerian</b>	<b>34</b>
4.1. Metodologia	34
4.2. Análises	35
4.2.1. A dominação do homem sobre as mulheres	35
4.2.2. A masculinidade associada a aparência física	39
4.2.3. A figura masculina associada ao poder	42
<b>5. Considerações Finais</b>	<b>44</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>47</b>

## 1. Introdução

Já faz décadas que a dominação do feminino e todo o machismo envolto nela são discutidos na sociedade. Entretanto, a masculinidade frágil é um conceito relativamente recente que vem se desenvolvendo desde o final do século XX. Apesar de ser um termo atual, a ideia que este carrega está presente na sociedade desde a institucionalização das diferenças de gênero, porém hoje comprehende-se que a masculinidade frágil é uma adversidade tanto para as mulheres como para os homens, pois acaba subjugando ambos os grupos, tornando-se um problema social.

No início de julho de 2020, houve uma movimentação nas mídias digitais e veículos de comunicação devido à insatisfação de muitas brasileiras em relação a Dan Bilzerian, jogador de pôquer e figura pública na internet que ostenta uma vida de luxo e poder sustentada por práticas machistas, misóginas e androcêntricas. Toda essa discussão provocou uma reflexão sobre o poder da comunicação digital na sociedade e como as mídias sociais articulam assuntos importantes, como o feminismo e a masculinidade frágil.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo compreender a representação da masculinidade frágil nas mídias sociais utilizando o perfil de Dan Bilzerian como objeto de análise. Como objetivos específicos intenta-se explorar o estabelecimento da comunicação na sociedade, assim como sua influência; também pretende-se investigar o conceito de masculinidade e como se deu seu desenvolvimento na sociedade; por fim, planeja-se entender a relação entre masculinidade frágil e a desvalorização do feminino e a propagação dessa masculinidade nas mídias digitais.

Este trabalho inicia seu primeiro capítulo com a exploração da comunicação digital, buscando compreender a influência desta na sociedade, assim como o estabelecimento e as perspectivas das mídias sociais; no segundo capítulo pretende-se investigar a relação entre masculinidade frágil e a desvalorização do feminino por meio de conceitos relacionados ao tema; por fim, no capítulo de análise busca-se estudar a

disseminação da masculinidade frágil nas mídias digitais a partir do perfil de Dan Bilzerian.

## **2. A Comunicação Digital**

Os avanços tecnológicos alteraram a forma de se comunicar, marcando o início da comunicação digital. Ademais, esse desenvolvimento também alterou a forma de se relacionar, impactando as redes sociais, que foram amplificadas pelo uso das mídias sociais como espaço informacional e de interação. Este capítulo tem como finalidade discutir a mudança do modelo comunicacional, além de explorar o poder da comunicação na sociedade, sua relação com a construção identitária e entender a organização das mídias digitais, em especial o Instagram.

### **2.1. Da Comunicação de Massa à Comunicação Digital**

Ao longo da história, a inovação sempre foi responsável pela transformação da comunicação. Nas sociedades orais, as mensagens eram recebidas apenas no momento e lugar em que eram formuladas, porém, com o desenvolvimento da escrita, a informação pode perdurar ao longo do tempo e espaço, além do emissor e receptor da mensagem não estabelecerem, necessariamente, uma conexão direta (LÉVY, 1999). Com a evolução social, a inovação assumiu um caráter tecnológico, possibilitando a criação de aparatos comunicacionais como o rádio, o cinema e a televisão, tipificados como mídias de massa, as quais estabeleceram mudanças notáveis na estruturação do ato de se comunicar na sociedade, dando “continuidade à linhagem cultural do universal totalizante iniciado pela escrita” (LÉVY, 1999, p. 116).

A cultura de massa, que consolida “um mercado difusor de informações e de entretenimento com um forte caráter socializador” (ORTIZ, 1988; THOMPSON, 1995; HALL, 1997 apud SETTON, 2005), acaba por condicionar os indivíduos, principalmente na sociedade ocidental, por meio de modelos normativos tanto de gênero como sexual, deixando de lado as singularidades do sujeito (DA SILVA, 2006), além da sua “capacidade de publicizar conselhos e estilos de vida” (MORIN, 1984 apud SETTON, 2005, p. 346) a partir dos meios de comunicação de massa.

Esses dialogam com o senso coletivo tendo como objetivo alcançar o maior número de pessoas (DUGNANI, 2019), por isso as informações comunicadas estão alinhadas com a ordem social, que determina a organização coletiva de grande parte da população. Produzida de forma padronizada e uniformizada (ADORNO; HORKHEIMER, 2000 apud DUGNANI, 2019), a comunicação de massa tem como características uma emissão restrita de conteúdo, sempre concentrada em grandes conglomerados que controlam as informações, e possui uma recepção igualitária, considerando o baixo custo para o acesso destas mensagens (DUGNANI, 2019). Além disso, para Jenkins (2015 apud DUGNANI, 2019), a baixa interação relacionada ao receptor passivo também configura-se como um aspecto da comunicação de massa.

Com o desenvolvimento da tecnologia, a comunicação digital passou a se estruturar na sociedade, alterando o padrão comunicacional já estabelecido. Como características relevantes, a comunicação digital facilita a criação e disseminação de informações, possibilitando que qualquer pessoa se torne um difusor de conteúdo, viabilizando também uma maior interação e participação entre emissor e receptor, opondo-se ao receptor passivo definido pela comunicação de massa (JENKINS, 2015 apud DUGNANI, 2019). A comunicação digital começou a se delinear com a criação dos computadores e da internet, entretanto, sua ampla utilização na sociedade só se deu na década de 90 com o desenvolvimento do primeiro navegador de internet, *World Wide Web*, responsável por conectar os computadores em uma rede global, e assim tornou-se impossível separar a comunicação do meio digital, já que, como aponta Corrêa (2015), as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação estão presentes de forma transversal nos movimentos comunicacionais e informacionais do mundo contemporâneo. É neste cenário de interligação do digital e da comunicação que fundamenta-se a Era da Informação.

Para Castells, esse novo período está baseado no informacionalismo, no qual a informação, que sempre possuiu um papel fundamental na estruturação social, passa a fazer parte do processo produtivo do sistema capitalista (SIMÕES, 2009).

O termo sociedade da informação enfatiza o papel da informação na sociedade. Mas afirmo que informação, em seu sentido mais amplo, por

exemplo, como comunicação de conhecimentos, foi crucial a todas as sociedades, inclusive à Europa medieval que era culturalmente estruturada e, até certo ponto, unificada pelo escolasticismo, ou seja, no geral uma infra-estrutura intelectual (ver Southern, 1995). Ao contrário, o termo *informacional* indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico (CASTELLS, 1999, p. 64-65 apud SIMÕES, 2009, p. 6).

É nesse contexto em que a informação torna-se o alicerce para a estruturação das relações que o fenômeno da “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999) é instituído, juntamente com o estabelecimento da internet como base desse processo, ligando pessoas e informações através de uma rede global.

Também a partir da análise dessa nova conjuntura, Pierre Lévy introduz o conceito de cibercultura, a qual é marcada pela liberação do pólo emissor, pela conexão em rede e a reestruturação dos modelos midiáticos (LEMOS, 2006, p. 53 apud SOUSA, 2013), sendo estabelecida pelas mídias digitais no ciberespaço. Este determina o “espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação” (LÉVY, 1999, p. 30), abarcando características como a desconexão com o espaço temporal e geográfico (LÉVY, 1999).

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17).

É importante diferenciar os termos mídias sociais e redes sociais, já que muitas vezes são empregados de forma incorreta. Redes sociais é um conceito mais amplo e, de acordo com Terra (2011), pode ser definido como os vínculos estabelecidos entre pessoas, que buscam referências, suporte e informações a fim de criarem um sentimento coletivo, em comum. A concepção de redes sociais pode ser percebida em agrupamentos como escola e igreja, mas como ressalta a autora, depois da web 2.0, o

conceito de rede social passou a estar conectado com o ciberespaço (TERRA, 2001). Já o conceito de mídia social é definido “como aquela utilizada pelas pessoas por meio de tecnologias e políticas na web com fins de compartilhamento de opiniões, idéias, experiências e perspectivas” (TERRA, 2011, p. 2) executada nos mais variados formatos. Ou seja, “[...] se por um lado, redes sociais relacionam-se a pessoas conectadas em função de um interesse comum, mídias sociais associam-se a conteúdos (texto, imagem, vídeo, etc...) gerados e compartilhados pelas pessoas nas redes sociais” (GABRIEL, 2010, p. 202 apud SCROFERNEKER; SILVESTRIN; SILVA; OLIVEIRA, 2013, p. 3).

A interatividade propiciada pelas mídias digitais possibilitou que uma nova comunicação baseada em redes horizontais se estabelecesse, sendo nomeada por Castells como *mass self-communication* (CASTELLS, 2007 apud RUFINO, 2009). Traduzida como intercomunicação individual, a *mass self-communication* é definida por Castells (2006) como “uma nova forma de comunicação em massa – porém, produzida, recebida e experienciada individualmente”, sendo essa responsável por fortalecer aqueles que estão fora do sistema tradicional devido sua capacidade de controle e interferência na sociedade (CASTELLS, 2006). Por consequência, essa intercomunicação individual reflete o que vemos hoje na facilidade de indivíduos difundirem informações para uma infinidade de pessoas, tornando-os influenciadores sociais com poder para reforçar conceitos ou quebrar padrões.

## **2.2. O poder da comunicação digital na sociedade**

A comunicação desempenha poder de influência sobre o pensamento das pessoas, sendo responsável por elaborar o pensamento coletivo, “que não é a soma dos pensamentos individuais em interação, mas sim um pensamento que absorve tudo e é difundido por toda a sociedade”, capaz esse de estabelecer os poderes sociais (CASTELLS, 2006). Compreendendo a influência da comunicação, os meios que a propagam têm grande importância no contexto social, sendo que desde o século XX estes caracterizam-se como ponto fundamental na formação e transmissão da

subjetividade humana (PIRES, 2009). A conjuntura dinâmica vivenciada atualmente comprova a centralidade da comunicação como mediadora na estrutura social (SOUSA, 2014), atuando sobre todos os setores da sociedade e buscando na maior parte das vezes afirmar a ordem social, ao ainda contestá-la, pretendendo mudanças.

Comunicação e informação têm sido fontes fundamentais de poder e contrapoder, de dominação e mudança social ao longo da história. Isto se deve porque a batalha fundamental que ocorre na sociedade é a batalha sobre as mentes das pessoas. A forma como as pessoas pensam determina o destino das normas e valores sobre os quais a sociedade se baseia (CASTELLS, 2007, p. 3 apud CORRÊA, 2015, p. 4).

Desde o início das formações sociais, é inegável o poder da comunicação sobre as pessoas. Contudo, nas últimas décadas o ato de se comunicar mudou devido aos avanços tecnológicos, estabelecendo a comunicação digital, que utiliza do computador e da internet como ferramentas neste novo formato. Nos estudos de Lévy sobre a temática, o autor aponta que

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais (LÉVY, 1998, p. 17 apud SIMÓES, 2009, s.p.).

Apesar do novo modelo comunicacional alterar aspectos sociais devido à inclusão da tecnologia informacional, para Castells (2000 apud RUFINO, 2009, p. 5), a internet “é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são”, portanto em uma esfera na qual o pólo emissor recebe autonomia propiciada pelo diálogo bidirecional, “uma configuração nova implementada e/ou proporcionada pelas redes sociais digitais, é a permissão para qualquer indivíduo transmissor de informação, ser produtor e ser consumidor de informação” (MANIERI, 2011 apud SANTOS; SANTOS, 2014, p. 322), percebendo assim que nas

[...] redes sociais, os dispositivos técnicos que as possibilitam como espaço a um só tempo de produção, circulação e consumo, exemplificam como formas e formatos colocam-se hoje facilitadores e estimuladores de um expor-se, de um conectar-se, não só diante de pessoas, mas de pensamentos, ações e compromissos que justificam essa mesma conexão (SOUSA, 2014, p.110).

Este vínculo entre pessoas e informações permeia os níveis local e global (CASTELLS, 2006) devido a facilidade comunicacional possibilitada pelas inovações tecnológicas, principalmente as mídias digitais, que estabelecem influências sociais a partir da quebra de barreiras espaciais e temporais. As relações sociais acabam sendo delineadas por essas influências sociais distantes (GIDDENS, 1991 apud SETTON, 2005), que instituem-se através de padrões culturais e sociais dominantemente aceitos, denominados *ethos*, sendo estes constantemente reforçados por estas plataformas digitais.

Ethos implica, com efeito, uma disciplina do corpo, apreendido por intermédio de um comportamento global. O caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apóia a enunciação e que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las (PALÁCIOS, 2004, p. 164 apud CARRERA, 2012, p. 3).

Esse *ethos* é sustentado pelo *habitus* de classe, ou seja, “subjetividades socializadas” (LANDINI & PASSIANI, 2007, p. 5 apud CARRERA, 2012, p. 3), que determinam a relevância de preferências e comportamentos (CARRERA, 2012). Se o *habitus* é embasado naquilo que a sociedade considera como aceitável, pode-se inferir que *habitus* e o *ethos* estão diretamente relacionados com a promoção da ordem social.

Isto é, normalmente há uma obrigação de transmitir uma certa informação quando na presença de outros, e uma obrigação de não transmitir outras impressões, assim como há uma expectativa de que os outros se apresentarão de certas formas. Tende a existir um acordo não apenas sobre o significado dos comportamentos que são vistos, mas também sobre os comportamentos que deveriam ser mostrados (GOFFMAN, 2012, p. 45).

Uma reflexão pertinente colocada por Santos & Santos (2014) é a presença do “poder simbólico” nas relações instituídas pelas redes sociais. O termo, elaborado por Bourdieu, está relacionado a um “[...] poder invisível o qual só pode ser exercido com a

cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (BOURDIEU, 2000, p. 7), reforçando o poder dominante instaurado pela ordem social. Tal consideração vai de encontro com a definição de Capra (2008, p. 22 apud CARNIELO, 2013, p. 594), na qual as "redes sociais são, acima de tudo, redes de comunicação que envolvem linguagem simbólica, restrições culturais, relações de poder etc".

Considerando que "a mídia, [...], funciona como um espelho que reflete os conceitos e as idéias que circulam na sociedade e no cotidiano social" (MIRANDA, 2006, p. 65 apud PIRES, 2009), essa "contribui para a naturalização de crenças e de papéis sociais, de preconceitos e de relações de poder, entre elas, as relações de gênero" (PIRES & GIACOMELLI, 2008, p. 199 apud PIRES, 2009). Por isso, apesar da facilidade do compartilhamento de pensamentos ser um fato, Lévy (1999, p. 128) relembra que "[...] nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço". Portanto, é importante estar atento àquilo que se compartilha nos meios digitais de comunicação, sempre considerando o alcance das mensagens e como elas poderão afetar outros indivíduos, ou até a nós mesmos, entendendo toda a implicação das redes sociais digitais com a sociabilidade e subjetividade do ser humano no contexto social.

### **2.3. Construção identitária e sua relação com a comunicação digital**

Por muito tempo a identidade era compreendida como algo inerente do ser humano. Porém, a partir da metade do século XX, percebeu-se que a construção identitária não era algo fixo e ligado apenas ao indivíduo em si, mas algo mutável e que se constrói por meio da interação (KEGLER; FROEHLICH, 2013). Portanto, "nessa perspectiva o sujeito continua com um núcleo interior que é o seu eu real, mas este é formado e modificado através de um diálogo contínuo com os mundos culturais externos e as identidades que esses mundos promovem" (HALL, 2000, p. 11 apud KEGLER; FROEHLICH, 2013).

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência

no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (...) A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38 apud COELHO, 2016, p. 27).

A identidade do sujeito tem sua construção e sentido relacionados com a comunicação e o contexto social (KEGLER; FROEHLICH, 2013). Os meios de comunicação influenciam na construção identitária dos indivíduos devido a produção e difusão de informações e símbolos (KEGLER; FROEHLICH, 2013), que podem ultrapassar barreiras territoriais, de tempo, classe, cultura, dentre outros, ampliando possibilidades antes não prováveis apenas considerando o contexto social. A comunicação de massa viabilizou uma extensa difusão de novas representações, não só possibilitando que esse material chegasse a muitas pessoas, mas também que criasse uma identidade geral por meio de um discurso comum que compreendesse as diversidades dos grupos presentes na sociedade (KEGLER; FROEHLICH, 2013).

Durante muito tempo, o rádio e a televisão, principalmente, mantiveram esse padrão identitário social. Entretanto, com a comunicação estabelecida no ambiente digital favorecendo “um modelo de circulação das informações em rede no qual todos os atores são, ao mesmo tempo, emissores e receptores” (DI FELICE, 2011, p. 102 apud COELHO, 2016, p. 19), ampliou-se as possibilidades de identidades devido à maior facilidade de estabelecer interações sociais, além do aumento do número de influências, opondo-se a comunicação de massa, concentrada em poucos modelos.

Para Stuart Hall (2000, p. 7 apud KEGLER; FROEHLICH, 2013), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades fragmentando o indivíduo moderno”, e é essa fragmentação, arquitetada por uma trama de relações e informações, ligada à multiplicidade das mídias sociais, que definiu para muitos a crise da identidade. Para o autor, esta crise “configura-se como um processo amplo de mudança que desloca as estruturas e processos sociais centrais, causando também a transformação nos quadros de referência que davam a aparente estabilidade da vida social” (HALL, 2000

apud KEGLER; FROEHLICH, 2013). Essa ideia pode ser conectada com o conceito de identidade líquida de Bauman (2005 apud KEGLER; FROEHLICH, 2013), que propõe a fluidez das identidades na sociedade atual, ou seja, uma naturalidade e dinamicidade no ato de definir-se.

Por fim, admitindo-se que a “comunicação se dá na interação indivíduo-sociedade, sendo nesta relação que ocorre a atribuição de sentidos e de investimentos simbólicos de acordo com a realidade dada e com o repertório dos sujeitos envolvidos” (KEGLER; FOSSÁ, 2010 apud KEGLER; FROEHLICH, 2013), a comunicação digital, em especial as mídias sociais, viabilizou a ampliação desse diálogo, possibilitando indivíduos com identidades múltiplas e modificáveis. Tondato (2011, p. 165 apud COELHO, 2016) ainda sustenta que a formação identitária por meio de representações baseadas nos sistemas simbólicos são passíveis de interpretações diversas.

#### **2.4. As mídias digitais como redes sociais**

As mídias digitais funcionam como redes de conexão entre indivíduos e grupos através da criação de laços sociais (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997 apud RECUERO, 2007), atuando também como meio de comunicação (RECUERO, 2012) através da difusão de informações. Essas redes sociais digitais podem ser analisadas por diversas perspectivas, já que possibilitam diferentes tipos de interações, efeitos e capitais sociais. Neste trabalho o foco será o Instagram, criado em 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, que nasceu com a proposta de ser uma mídia social de compartilhamento de fotos e vídeos, tendo uma grande adesão logo a partir do seu lançamento, tornando-se bastante promissor. Em 2012 a plataforma foi comprada pelo Facebook por 1 bilhão de dólares (AGUIAR, 2018) e atualmente, depois de diversas atualizações que expandiram as possibilidades de interações oferecidas, é a terceira mídia social mais utilizada no mundo com 1.082 bilhão de usuários (BELING, 2016).

Quanto às interações sociais digitais, Primo (2003 apud RECUERO, 2007) propõe duas formas, a interação mútua, que é estabelecida entre os agentes e produzida enquanto acontece, e a interação reativa, que se dá por meio de opções previamente definidas, sem grandes possibilidades de mudança. Estas interações estão diretamente conectadas com os relacionamentos estabelecidos no ambiente digital, levando-nos a refletir sobre os laços sociais, que para Granovetter (1973 apud RECUERO, 2007), podem ser fortes ou fracos dependendo da interação estabelecida pelos indivíduos. Uma outra linha de análise seria por meio da teoria de Breiger (1974 apud RECUERO, 2007), que define laços relacionais, ligados à interação social estabelecida pelos indivíduos, e laços associativos, ligados ao sentimento de ajustar-se a determinados grupos.

As interações mútua e reativa estão associadas aos laços relacionais ou associativos, respectivamente, sendo que esses apresentam diferentes variações de pertencimento, definido como “o sentimento que conecta os atores através dos laços sociais, que faz com que estes sintam-se parte do grupo” (RECUERO, 2007, p. 4). A interação mútua, que exige laços fortes, está vinculada com um pertencimento relacional, baseado na troca entre os atores, caracterizando redes sociais interativas, ao passo que a interação reativa, ligada a laços fracos, relaciona-se com o pertencimento associativo, sustentado pela identificação do autor com o grupo por intermédio da informação fornecida, portanto estando associada às redes sociais centradas na identificação. A partir destes fundamentos teóricos, o Instagram possibilita ambas as formas de interação através dos comentários ou mensagens privadas, que possibilitam uma conexão direta entre atores, ou de funcionalidades como curtir fotos e vídeos e seguir o perfil de pessoas, que são ações unilaterais.

Outro ponto importante a ser discutido dentro das mídias sociais são os efeitos produzidos por elas, visto que, de acordo com Recuero (2012), esses impactam os meios, interferindo também nos sujeitos. A autora apresenta em um de seus trabalhos quatro possíveis efeitos das mídias sociais, sendo o primeiro deles a influência dos sujeitos através das redes, denominado como “cascata” (KLEINBERG; EASLEY, 2010

apud RECUERO, 2012), entendido como a determinação e repetição de um comportamento devido a disseminação de uma mesma informação, podendo ser negativo ou positivo dependendo da visibilidade dada a cada informação difundida. Como segundo efeito decorrente do meio digital tem-se a descentralização, que reflete os múltiplos emissores das mensagens, indo ao encontro dos meios de comunicação de massa. Este efeito possibilita uma maior visibilidade para as informações, democratizando seu acesso e produção (ANTOUN, 2004 apud RECUERO, 2012). Outro resultado seria a facilidade do sujeito transitar entre emissor e receptor de conteúdo, também podendo atuar como meio. Isso se dá pela facilidade em produzir e compartilhar informações, além da alta taxa de compartilhamento daquilo que já foi comunicado, tornando o sujeito, meio. Por fim, o último efeito remete ao compartilhamento de conteúdos já difundidos em outras plataformas, associando uma mídia à outra.

As mídias digitais também estão associadas ao capital social, conceito amplo que pode ser entendido como o valor presente nas estruturas sociais (RECUERO, 2012), estando diretamente conectado com os laços sociais estabelecidos na comunidade, inclusive dentro do meio digital. O capital social tem um forte vínculo com o acesso a informações (COLEMAN, 1988; BERTOLINI & BRAVO, 2004 apud RECUERO, 2012), a qual mostrou significativa relação com os laços sociais fracos em um estudo de Granovetter (1973 e 1983 apud RECUERO, 2012), apontando que tal forma de vínculo possibilita maior interconexão entre grupos sociais devido ao seu caráter pouco profundo, porém com muitas trocas, facilitando a transferência de informações. Considerando que a instituição de laços sociais tem efeitos nos usuários das mídias sociais, já “que o comportamento de cada indivíduo tem consequências para a rede como um todo” (Kleinberg e Easley, 2010 apud RECUERO, 2012), este conceito pode ser percebido no perfil de Dan Bilzerian, que será analisado mais adiante.

Para fazer uma análise do capital social, Bertolini e Bravo (2004 apud RECUERO, 2007) estabeleceram uma tipologia fundamentada em cinco categorias: relacional, baseada na conexão entre indivíduos; normativo, apoiado nos princípios de

comportamento do grupo; cognitivo, como conjunto de informações associadas a um grupo; confiança no ambiente social, que seria a confiança nos sujeitos de um determinado espaço; e por fim, institucional, que compreende as instituições formais e informais com a delimitação que ordem a interação social. A partir destas categorias, é possível perceber no perfil do Dan Bilzerian mais de um tipo de capital social, compreendendo o normativo e o cognitivo, já que existem informações partilhadas e comportamentos aceitos entre os indivíduos desta rede. A característica da rede de Bilzerian está ligada com o padrão de masculinidade social, que mesmo já em crise, é sustentado por instituições sociais e personalidades. Sendo assim, “a comunicação mediada demonstra muitas qualidades novas, mas continua a apresentar e reforçar forças culturais que influenciam as mensagens em todos os contextos” (BAYM, 2012, p. 71 apud CARRERA, 2012).

### **3. Masculinidade e a desvalorização do feminino**

De acordo com Berger e Luckmann (2002), toda análise da realidade social deve considerar que a sociedade é um produto humano e uma realidade objetiva, e que o homem é um produto social. A partir dessa ideia, entende-se a relação dialética entre indivíduo e ordem social, na qual atuam mutuamente um sobre o outro, e portanto, não é possível compreender o sujeito ou a sociedade sem entender o contexto de sua formação e toda a historicidade que os influenciou.

Durante séculos, as diferenças biológicas foram utilizadas como explicação para os contrastes sociais e de comportamento entre os indivíduos. A oposição dos sexos masculino e feminino, carregou por muito tempo, além de distinções naturais, também estereótipos de conduta, denominados masculinidade e feminilidade. O termo gênero, popularizado por Ann Oakley no início da década de 70, surgiu como uma alternativa para abranger a formação dos sujeitos a partir de práticas sociais, diferenciando-se das

questões sexuais biológicas<sup>1</sup> (BAILEY, 1993, p. 100 apud HOOPER, 2001, p. 24, tradução nossa).

Antes mesmo da instituição do termo gênero, a ideia estabelecida pela palavra já era discutida por teóricos/as da área, como por exemplo Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*, no qual apresenta a máxima “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, reforçando o conceito de construção social do gênero e excluindo o sexo como único fator determinante. Ainda sobre a obra, Butler (2003, p. 27) evidencia o fato de que na explicação de Beauvoir, nada sugere que o indivíduo que torna-se mulher seja fêmea, enfatizando a multiplicidade de gêneros e indo mais longe, ao propor que, se “o corpo é uma situação” (Beauvoir, 1973 apud Butler, 2003, p. 27), este sempre esteve sob configuração dos significados culturais, impedindo que o sexo seja uma condição anatômica pré-discursiva, sendo gênero desde o princípio. Outro estudioso que contempla essa mesma concepção é Bourdieu, ao afirmar que:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo (2020, p. 26).

Nota-se dois caminhos conceituais nessa discussão. Existem aqueles estudiosos que acreditam na separação de sexo e gênero, sendo o primeiro fixo e natural, e o segundo formado a partir da socialização; e aqueles que acreditam que ambos os conceitos de sexo e gênero estão fadados a subordinação da ordem social. Independente do caminho teórico que admite-se como o mais pertinente, a formação do indivíduo não deixa de se sujeitar a influência da cultura e da sociedade, o que leva Butler (2003, p. 26) a refletir sobre um possível determinismo em relação aos sujeitos como passíveis de uma “lei cultural inexorável”, tornando o gênero tão invariável como

---

<sup>1</sup> Popularized by Ann Oakley (1972) in the early 1970s and rapidly becoming an accepted norm in much feminist theory and gender studies literature, this distinction allowed gender differences encompassing the formation of gender identities and the qualities of masculinity and femininity to be treated as aspects of social and psychological development, separate from questions about biological sex differences (Bailey 1993, 100)

a concepção de sexo, colocando a cultura como destino ao lado da biologia. A ideia de construção envolta na compreensão de gênero, pode tanto reafirmar a passividade, como também inclinar-se para a autonomia na perspectiva dos significados culturais, entretanto,

Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero (BUTLER, 2003, p. 27).

Assumindo a cultura como preceptor dos indivíduos, impõem-se como limite “um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal” (BUTLER, 2003, p. 28). Essa estruturação dos indivíduos, vista na generificação homem e mulher, vai de encontro com o pensamento moderno, que está organizado a partir de dicotomias: teoria/prática, privado/público, em cima/embaiixo, dentro/fora (DERRIDA apud LOURO, 1997). Essa formulação sistematiza características e ações, diferenciando noções com base em oposições binárias, impedindo a possibilidade de uma manifestação transitória ou intermediária. Entretanto,

O conceito [gênero] passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 23).

Portanto, a teoria da construção social binária ancorada nos gêneros homem e mulher, que respectivamente seguem padrões de masculinidade e feminilidade, não é mais sustentada no meio acadêmico, considerando os diversos gêneros hoje estabelecidos. Como Butler (2003, p. 24) propõe, gênero é inconstante, “com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino

como um feminino". Além disso, a concepção de masculinidade e feminilidade determinada como oposições únicas e não articuladas é simplista, não suportando a complexidade dos seres humanos e a diversidade de identidades, entendendo-se que um indivíduo flutua entre essas duas construções.

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe (LOURO, 1997, p. 28).

Ainda que diversos autores como Scott (1995) se sintam incomodados com o antagonismo instituído entre os sexos, parte da sociedade ainda estrutura-se nessa diferença, influenciando a formação condicionada dos sujeitos a partir de padrões normativos. Esses são estabelecidos pelos seres humanos por meio de hábitos, que após certo tempo são institucionalizados e assegurados por mecanismos de controle, como sanções (BERGER e LUCKMANN, 2002) legalizadas ou não.

O sujeito se desenvolve a partir da relação com o meio natural e com a ordem social e cultural (BERGER e LUCKMANN, 2002), iniciando seu contato com normas de comportamento e personalidade fundamentadas em oposições bem definidas para caracterizar gêneros, com foco naqueles hegemônicos, ainda durante seu desenvolvimento na barriga da mãe, quando muitas vezes os genitores já definem um nome pelo qual aquele indivíduo será conhecido, além da construção de seu perfil por meio da escolha de roupas e brinquedos. Nolasco (1993 apud DE PAULA; DA ROCHA, 2019) aponta que é dada uma atenção a genitália dos recém-nascidos de forma a superar outras preocupações, estabelecendo expectativas já legitimadas na sociedade sobre a criança, as quais serão utilizadas para construí-la como sujeito de forma naturalizada, definindo seu papel social.

A psicóloga Eleanor Maccoby (1998, p. 38 apud KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2004) afirma que "o comportamento ligado ao sexo acaba sendo uma função penetrante do contexto social" mais do que uma manifestação da personalidade

individual do sujeito, dessa forma, perceber-se a influência do coletivo na formação do indivíduo, estando essa ligada as instituições que nos cercam, como escola, igreja e família.

Os papéis sociais determinados a partir da socialização são estabelecidos com base na identidade de gênero, definida por Silva (2006) como características produzidas no âmbito social e cultural, que definem padrões de comportamento tanto para homens como para mulheres, apoiadas nos princípios de masculinidade e feminilidade, respectivamente. Connell<sup>2</sup> (KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2004) indica que a masculinidade e a feminilidade são produzidas juntas pela oposição, sendo assim, o padrão definido socialmente considera que masculinidade está ligada com ser forte, corajoso, independente, agressivo, viril e autoconfiante, enquanto feminilidade é tudo aquilo que se opõe a masculinidade, ou seja, tudo aquilo que um homem não deveria ser, como fraco, acanhado, dependente, tolerante, sentimental e indeciso.

A oposição entre homens e mulheres não se trata apenas de diferenciações, mas de desigualdades institucionalizadas desde antes do desenvolvimento da escrita, fortalecendo sempre a desvalorização da mulher e da feminilidade. O controle masculino que se organizou na sociedade ao longo dos séculos foi um processo de des-historicização e apagamento das mulheres da edificação social, sendo que

O verdadeiro objeto de uma história das relações entre os sexos é, portanto, a história das combinações sucessivas de mecanismos estruturais e de estratégias que, por meio das instituições e dos agentes singulares, perpetuaram, no curso da história bastante longa, e por vezes à custa de mudanças reais ou aparentes, a estruturação das relações de dominação entre os sexos (BOURDIEU, 2020, p. 138).

Para Lerner (1986), na pré-história existia uma divisão de trabalho baseada nas questões biológicas naturais. A mulher grávida ou amamentando não participava de caçadas, já que o peso de se carregar um bebê ou a necessidade de amamentá-lo atrapalharia a empreitada, mas isso não quer dizer que as mulheres nunca participavam de caçadas, ou que não tinham funções importantes para a sobrevivência

---

<sup>2</sup> Raewyn Connell é uma socióloga transexual que possui parte de suas obras assinadas como Robert William Connell, seu nome de nascimento.

do grupo. Nas sociedades de caçadores-coletores, por exemplo, o fornecimento principal de alimentos era através da coleta e caça de animais pequenos realizada por mulheres e crianças, enquanto a caça de grandes animais realizada pelos homens era vista como atividade auxiliar. O que Lerner cita em seu livro *A criação do patriarcado - História da opressão das mulheres pelos homens* é que, atualmente não temos as mesmas necessidades de sobrevivência estabelecida no Período Neolítico, e que hoje é o gênero, baseado na construção social, que determina o lugar das mulheres na sociedade. .

Para Lévi-Strauss (apud LERNER, 1986, p. 51), a “troca de mulheres”, na qual perdiam seu caráter de seres humanos ao se transformarem em mercadoria, foi o marco do início da subordinação da mulher. Dentre diversas teorias, uma explicação para a troca de mulheres, e não de homens, é a utilização da função biológica como instrumento de coação, assim como o estupro. A partir do momento que a mulher tivesse um filho dentro daquele novo clã ou se casasse, ela criaria vínculo e permaneceria no agrupamento. As primeiras ocorrências de escravidão também se deram com mulheres, as quais sofriam repressão pelo estupro, além de serem apoderadas para a utilização de sua função de reprodução. Só depois de aprender com a dominação feminina, grupos passaram a escravizar homens (LERNER, 1986).

Com as construções de diversas sociedades ao longo dos séculos, das leis às crenças religiosas, todos os caminhos se estruturaram em volta do homem. A passagem do livro Gênesis, livro bíblico que narra a criação do mundo, “e disse o homem: esta, afinal, é o osso dos meus ossos e a carne da minha carne; chamar-se-á Mulher, pois do Homem foi tirada” (Gênesis 2:23 apud LERNER, 1986, p. 226), foi e ainda é interpretada como validação da inferioridade da mulher perante ao homem. As leis de diferentes sociedades, como Suméria, Assíria, Grega, entre outras, apesar de suas diferenças, possuíam similaridades quando se tratava do domínio da mulher. O controle sexual, econômico e político das mulheres sempre esteve na mão dos homens, se não do pai, do marido, sendo perpetuado ao longo dos séculos. Seguindo o mesmo pensamento patriarcal, Aristóteles reforça em seus escritos sua crença quanto a

inferioridade da mulher, e sustenta a ideia de que a virtude do homem está vinculada com a ação de comandar e a da mulher em obedecer (LERNER, 1986).

Na Idade Média, acreditava-se que a vagina era como um falo invertido (POUCHELLE, 1983 apud BOURDIEU, 2020), este pensamento foi mantido até o Renascimento, momento que ainda não existia nomenclatura para definir o sexo da mulher, que ainda era visto como o mesmo do homem, apenas arranjado de forma diferente (LAQUEUR, 1987 apud BOURDIEU, 2020). Foi apenas entre o final do século XVIII e início do século XIX que a mulher deixa de ser vista como o inverso do homem, e passa a ser seu complementar, a partir da imposição de papéis femininos e masculinos, mantendo a ordem social e a dominação da mulher (COSTA, 1995 apud SILVA, 2000). É nessa época, com a separação entre homens e mulheres, que inicia-se o culto à masculinidade como forma de afirmação social, evitando comparações com a inferioridade vista na mulher (SILVA, 2000), reforçando a desvalorização feminina e da feminilidade mantida ao longo das décadas.

Com pretensão de mudar a sociedade patriarcal vigente, as mulheres começaram a se organizar como grupo na metade do século XIX, culminando no início do século seguinte na primeira onda feminista, a qual tinha como pretensão o direito ao voto, participação política e na vida pública por parte das mulheres. Os ideais giravam em torno do universalismo e igualdade entre homens e mulheres. A segunda onda, iniciada na década de 1950 e estendendo-se pelas próximas três décadas, pautou-se na construção teórica do movimento, além de ter como foco a discussão sobre sexualidade e direitos reprodutivos. Nos anos 1990 instaura-se a terceira onda, tomando como base a reflexão sobre conceitos, padrões e generalização, considerando a interseccionalidade e as diferenças entre as mulheres. Seguindo reflexões do feminismo radical, no período da 3<sup>a</sup> onda, as mulheres retomaram itens e símbolos que estereotipavam o grupo e passaram a usá-los na busca da liberdade das mulheres, fortalecendo o feminismo liberal (FRANCHINI, 2020).

A problemática que acompanha a ideia de liberdade feminina é a sua instituição dentro da sociedade patriarcal, na qual por mais que as mulheres realizem ações com

base nas suas vontades, essas estão estruturadas em um contexto machista que dita as regras coletivas, mesmo que de forma inconsciente, por estar enraizada na estrutura social. Bourdieu, que discute a violência simbólica, esclarece que

As próprias mulheres aplicam a toda a realidade, e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamentos que são produtos da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundadoras da ordem simbólica (1998, p. 62).

O sociólogo francês ainda enfatiza que a dominação masculina e a submissão feminina é “espontânea e extorquida” devido aos efeitos da norma coletiva nos sujeitos, que a conservam de forma natural e estruturada (BOURDIEU, 2020, p. 69) a partir da reprodução de padrões. Seguindo a mesma linha de pensamento, MacKinnon (1987, p. 159 apud KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2004) também entende que a dominação masculina é moldada pela sociedade contemporânea, e ainda acrescenta que as mulheres são a posse que forma a personalidade e a masculinidade dos homens dentro do sistema capitalista.

A dominação do homem coloca as mulheres como objetos simbólicos a partir da visão masculina de ser-percebido, ou seja, é estabelecida uma subordinação simbólica fundamentada no olhar masculino, assim como no olhar segundo categorias masculinas (BOURDIEU, 2020). Dessa forma, a objetificação que recai sobre as mulheres acaba instituindo uma insegurança em relação ao corpo, o qual é sexualizado em diversas situações. Esse estado, legitimado pelas instituições, faz com que as mulheres sejam “socialmente levadas a tratar a si próprias como objetos estéticos e, por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância do corpo, das vestes, da postura” (BOURDIEU, 2020, p. 163).

Atualmente, desfez-se a ideia de que existe apenas um modo de ser homem, com isso, Connell (1995 apud SOUZA, 2009) introduz o conceito de masculinidades, desconstruindo o padrão único para um indivíduo manifestar-se e propondo uma pluralidade de masculinidades a partir da diversidade dos sujeitos. Kimmel (1998, p.106) ainda afirma que a pluralidade no termo reforça a ideia de que masculinidade

tem significados diferentes para grupos de homens diferentes em distintos períodos. Essa multiplicidade de masculinidades é tipificada em quatro modelos: a hegemônica, de subordinação, de cumplicidade e a marginalizada (CONNELL, 1995 apud SOUZA, 2009).

A construção dessas masculinidades está vinculada com os valores e costumes sociais, os quais determinam como o indivíduo deve agir e sentir, não sendo fixas ao corpo ou personalidade do indivíduo e alterando-se de acordo com as circunstâncias sociais e as relações de gênero estabelecidas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Considerando a influência social para a construção das masculinidades, ainda existem padrões mais aceitos socialmente, os quais são manifestados através das masculinidades hegemônicas, que será a principal tipificação a ser discutida neste levantamento teórico devido a sua estreita relação com a masculinidade tóxica, tema fundamental na estruturação deste trabalho.

De forma geral, Connell e Messerschmidt (2013) entendem a masculinidade hegemônica como a combinação entre a pluralidade de masculinidades e a hierarquia entre elas, não sendo necessariamente a mais adotada, mas a normativa. “Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Connell (1995) ainda reforça que as masculinidades hegemônicas são produzidas a partir da interação com outras masculinidades, tendo estas um papel fundamental na formação e manutenção da hegemonia.

A análise das masculinidades hegemônicas pode ser realizada em três níveis: o local, o qual abrange as interações presenciais estabelecidas com o grupo de convivência próximo; o regional, que se organiza no nível cultural e governamental; e por fim o global, formado pelas políticas globais e mídias (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Uma diferente perspectiva foi evidenciada por Demetriou (2001 apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) ao identificar dois modelos de hegemonia, a externa e a interna, sendo a primeira relacionada à dominação dos

homens sobre as mulheres e a segunda referente à influência de um grupo de homens sob outros, caracterizando a masculinidade subordinada.

Whetherell e Edley (1999 apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) sugerem que as masculinidades hegemônicas podem ser utilizadas de forma estratégica pelos indivíduos em práticas discursivas, ou seja, não significando necessariamente uma determinação do sujeito, mas sim uma posição adotada em um dado momento. A escolha da prática hegemônica como oportunidade situacional está intimamente ligada a proposição de que, ainda que muitos homens não a exerçam, acabam se beneficiando pela supremacia masculina enraizada em tal conduta, podendo inclusive se distanciar de divergências conectadas a realidade do modelo hegemônico (CONNELL, 1995 apud SOUZA, 2009). Assim, caracteriza-se a masculinidade cúmplice. É também importante ressaltar que:

As masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253).

A masculinidade hegemônica, como já mencionado, dita o modelo social e sustenta o patriarcado, portanto, estando estruturada “nos modelos tradicionais e dos preditivos da personalidade do homem, qual seja, “machista, viril e heterossexual”, do mesmo modo em que este deve apresentar distanciamento emocional, agressividade e comportamento de risco no seu dia a dia” (DA SILVA, 2006, p. 121), esta relaciona-se com a masculinidade tóxica e com a masculinidade frágil. A masculinidade tóxica está ligada com a violência, podendo essa ser tanto física quanto psicológica, enquanto a masculinidade frágil está associada com a necessidade constante de reafirmar socialmente a masculinidade, ligada ao padrão social do que é ser homem. Tais termos foram definidos a partir da compreensão social do caráter negativo conectado aos comportamentos dos homens, antes tidos como normais, que prejudicam tanto homens

quanto mulheres por suas condutas misóginas, homofóbicas, machistas e racistas, justificando o uso de palavras como “tóxica” e “frágil”.

Ao mesmo tempo que a masculinidade frágil é sustentada, parte da sociedade vivencia a crise da masculinidade, que, de acordo com Da Silva (2006), é caracterizada pelo conflito identitário. Além disso, o autor identifica que essa crise organiza-se em dois momentos:

Primeiro, a partir da tentativa de se manter um modelo de identidade de gênero hegemônico e, ao mesmo tempo, pluralista, ora baseado em modelos tradicionais ora em modelos modernos de masculinidade, e segundo, a partir da impossibilidade de sustentar essa hegemonia no que se refere às subjetividades da maioria dos homens (DA SILVA, 2006, p. 121).

A crise foi estruturada a partir do avanço do movimento feminista e as conquistas das mulheres, responsável por confrontar a construção social do homem estabelecida, que acaba por perder seu papel tradicional de dominação (ARENTE, 1999 apud PIRES, 2009) baseado na masculinidade em oposição a feminilidade, abrindo um novo espaço para reflexão e estruturação de uma nova identidade (SANTOS, 2010). Bourdieu (2020) entende o privilégio masculino como uma armadilha para os homens, que devem sustentar ideais inacessíveis para manter a ordem simbólica, já que acabam sendo, no conceito marxista, “dominados por sua dominação”. Essas exigências também estão conectadas com a estruturação da crise da masculinidade.

Com novas identidades de masculinidade se constituindo socialmente, autores como Badinter (1993 apud SANTOS, 2010) acreditam que a masculinidade tida como tóxica está no caminho para desaparecer, enquanto outros autores como Jablonski (1993 apud SANTOS, 2010) criticam tal posição, colocando-a como irrealista para uma sociedade que tem suas bases no patriarcado. Por isso, analisaremos como a figura de Dan Bilzerian, que corporifica as masculinidades tóxica e frágil, reforça tais comportamentos através do seu alcance nas mídias sociais, além de focalizar na influência de tal comportamento nas mulheres e na luta feminista.

#### 4. A masculinidade frágil nas mídias sociais: análise do Instagram de Dan Bilzerian

Visto que a masculinidade frágil pode ser propagada pelas mídias sociais, foi analisado o perfil do Instagram de Dan Bilzerian, celebridade na internet, jogador de pôquer, ator, fundador e CEO da Ignite, empresa do ramo da cannabis e canabidiol, que foi criticado no início de julho deste ano por brasileiras devido aos seus comportamentos machistas e misóginos recorrentes na internet. Bilzerian conta com 32,6 milhões<sup>3</sup> de seguidores acumulados desde 2012, quando iniciou seu perfil na rede. Dentre as mais de 1.300 postagens<sup>3</sup>, alternam-se imagens da personalidade com amigos, armas, dinheiro, bebidas e mulheres.

##### 4.1. Metodologia

Este trabalho utilizou a Análise de Discurso como suporte para o desenvolvimento da pesquisa, sendo que essa teoria “[...] tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680). Logo, essa foi escolhida por possibilitar a análise imagética de forma qualitativa buscando compreender os sentidos presentes no conteúdo em relação a temática da pesquisa, que abarca a comunicação digital e a masculinidade tóxica.

Neste trabalho utilizou-se imagens publicadas no perfil do Instagram de Dan Bilzerian como material de análise, constituindo um “corpus de arquivo”, ou seja, aquele que é anterior à pesquisa (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Este *corpus* consiste nas postagens das últimas 52 semanas, de outubro de 2019 à setembro de 2020, totalizando 29 publicações.

É importante lembrar que como a Análise de Discurso busca investigar o sentido daquilo que se pesquisa por meio da interpretação do analista, admite-se leituras

---

<sup>3</sup> Números consultados em 25/10/2020 no perfil do Instagram de Dan Bilzerian. Disponível em: <https://www.instagram.com/danbilzerian/>.

variadas considerando também as crenças e vivências deste (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

## **4.2. Análises**

A análise foi dividida em eixos temáticos relacionados com problemáticas acerca do tema geral do trabalho, sendo esses constatados a partir de um diagnóstico prévio do *corpus*. Nesta pesquisa, quando utilizado o termo “problemática” associado à masculinidade tóxica, refere-se a algum fator negativo, seja para o homem ou para a mulher, com o qual esta se perpetua, tendo as suas direções já exploradas na análise teórica.

A subdivisão foi feita da seguinte forma: a dominação do homem sobre as mulheres, a masculinidade associada com a aparência física e o poder relacionado às armas e dinheiro.

### **4.2.1. A dominação do homem sobre as mulheres**

A temática que mais chama a atenção ao observar o perfil de Dan Bilzerian no Instagram é definitivamente a exposição da mulher de forma a objetificá-la, sendo que, dentre as 29 publicações que compõem o *corpus* do trabalho, 20 delas retratam a figura feminina, sendo 17 delas problemáticas. A imagem de Dan Bilzerian construída digitalmente estabeleceu um modelo de masculinidade a ser seguido por outros homens, ilustrando o fundamento da masculinidade hegemônica discutido por Connell e Messerschmidt (2013), o qual reforça que apesar de não ser a masculinidade mais adotada, é a que dita a regra. Os autores ainda mencionam que “para se sustentar um dado padrão de hegemonia é necessário o policiamento de todos os homens, assim como a exclusão ou o descrédito das mulheres” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 260).

Como a ideia de masculinidade fundamenta-se na coibição de aspectos femininos (SCOTT, 1995), o controle dos homens é instituído através dessa repressão, alimentada pelas representações imagéticas compartilhadas por Bilzerian, nas quais reforçam a oposição entre masculino e feminino, ou seja, enquanto o homem é visto

como forte, viril, independente e emocionalmente distante, as mulheres são colocadas com o rótulo de fracas, dependentes e emotivas, não deixando de constituir em uma forma de desvalorização da mulher. Outra configuração do controle dos homens é por meio da aspiração em possuir os bens materiais e experiências que Bilzerian propaga em suas mídias digitais, não só em relação ao domínio e posse das mulheres, mas também as festas, aparência física, álcool, poder e dinheiro que retrata nas imagens compartilhadas. Entretanto, Martino (2014, p. 124 apud COELHO, 2016) lembra que a construção feita por meio de fotos e textos é possivelmente capaz de construir uma identidade difícil de manter pessoalmente fora das redes sociais digitais. Além de que não necessariamente essas são reais, pois é possível criar múltiplas identidades no ambiente online construídas através do discurso e imagem. Enfim, pode-se pressupor que essa masculinidade hegemônica compartilhada não é a mais adotada, apesar de admirada, justamente pela dificuldade de segui-la fora das mídias sociais.

O descrédito das mulheres é feito através da objetificação promovida nas fotos do perfil de Bilzerian, sempre exibindo mulheres seminuas ou completamente nuas que dirigem toda a atenção a ele, como por exemplo na figura 2. A sociedade enaltece homens que se relacionam com mais de uma mulher, sendo que estas são colocadas em uma posição de troféu, e “[...] só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens” (BOURDIEU, 2020, p. 76). Além disso, todas essas mulheres colocadas em função de um homem estabelece uma situação propensa para a construção da ideia de mulheres descartáveis, substituíveis, destituindo-as de valor como sujeito.

Figura 1: Exemplo de postagem relacionada à dominação masculina sobre as mulheres



Fonte: Perfil de Dan Bilzerian no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4FHxMDHFnX/>. Acesso em: 31 out. 2020

Sustentando o conceito estabelecido em suas mídias digitais, em 2014, Dan Bilzerian esteve envolvido em dois casos associados a misoginia, dos quais o primeiro ele jogou uma atriz pornô na piscina enquanto faziam uma sessão de fotos no telhado, sendo que o incidente fez com que a jovem quebrasse o pé, e o segundo ele chutou o rosto de uma jovem durante uma festa. Ambos os casos demonstram violência por parte do “Rei do Instagram”, como é apelidado, indo de encontro com características relacionadas ao conceito de masculinidade frágil, entendida neste trabalho como uma referência a masculinidade hegemônica.

Devido ao fato de o conceito de masculinidade hegemônica ser baseado na prática que permite a continuidade da dominação coletiva dos homens sobre as mulheres, não é surpreendente que em alguns contextos a masculinidade hegemônica realmente se refira ao engajamento dos homens a práticas tóxicas – incluindo a violência física – que estabilizam a dominação de gênero em um contexto particular (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255).

Mesmo com leis para tratar da violência contra a mulher, como a Lei Maria Penha - Lei 11.434/2006, que visa restringir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e a Lei do Feminicídio - Lei 13.104/2015, que coloca o feminicídio como motivação para crime de homicídio, o Brasil é o 5º país em relação a taxa de feminicídio no mundo (ARTIGO 19, 2018). Mesmo esse sendo um assunto que vem crescendo nas

discussões na mídia, ainda existem muitos homens que se veem como donos ou superiores às mulheres.

Ainda assim, grande parte dos homens mantém sintomas de uma masculinidade tóxica, que os impede de abandonar os comportamentos que antes os definia e abraçar novas possibilidades de existência. As altas taxas de feminicídios evidenciam que muitos desses homens não só não se desprenderam da personalidade cristalizada, como também não aceitam perder o antigo espaço de domínio e da esfera pública para elas, sentindo-se ameaçados, e resolvendo tal conflito da forma como muitas vezes são ensinados desde pequenos, utilizando-se de violência (SANTOS, 2010 apud DE ROCHA; DE PAULA, 2019, p. 85).

Essa violência acaba sendo difundida, e muitas vezes aceita socialmente, considerando que é praticada por uma figura com grande popularidade no meio digital e que ainda sustenta constantemente a desvalorização da mulher por meio das suas mídias sociais, como faz Bilzerian. Como já citado neste trabalho, a comunicação digital tem uma grande capacidade de extrapolar territórios, reforçando o potencial de influência de Bilzerian em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Por meio destes comportamentos relacionados à masculinidade, que são negativos tanto para homens como para as mulheres, surge a discussão sobre a crise da masculinidade, também associada ao conceito de masculinidade frágil. De acordo com Souza (2009), esta crise está conectada com várias causas, dentre elas as transformações comportamentais por parte das mulheres devido ao movimento feminista e as pautas trabalhadas por esse.

Tal crise os leva [os homens] a polarização entre a busca e a aceitação de novos sentidos e possibilidades de existência que abarquem características antes não permitidas e eles ou a vivência de um sofrimento psíquico expresso, principalmente, através da alta taxa mundial de feminicídios, onde a figura masculina se torna opressora da feminina, sem se dar conta que é, antes de tudo, oprimido por sua própria personalidade e construção social (DE PAULA; DA ROCHA, 2019, p. 87).

A sociedade sustenta a ideia de que as mulheres são livres, e que se estão fazendo algo ou se colocando em alguma situação de submissão é por vontade própria, mas “as tendências à submissão dadas por vezes como pretexto para “culpar a vítima” são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem

sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução" (BOURDIEU, 2020, p. 72). Além disso, essas estruturas que contribuem para a dominação da mulher o fazem colocando esse tipo de pensamento de forma natural na sociedade, como ressalta Bourdieu no seguinte trecho:

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas estão lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proibições arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos (BOURDIEU, 2020, p. 96)

Dessa forma, entende-se que as mulheres que se sujeitam a exposição feita por Bilzerian estão seguindo essa lógica propaganda pelos mecanismos sociais, a qual naturaliza a dominação masculina e a apresenta para a mulher como admissível. Portanto, entendendo que não é apenas a tomada de consciência que resolverá o problema do patriarcado (BOURDIEU, 2020), é importante refletir que em muitas situações a questão não é a imposição ou não de um determinado comportamento, mas sim a estrutura que reforça tal conduta.

#### **4.2.2. A masculinidade associada a aparência física**

O corpo é uma construção cultural e social rica em elementos simbólicos, e por isso é um dos principais dispositivos que os indivíduos possuem para a produção de sentido (SOUZA, 2008 apud FILHO, 2013). É a partir do corpo que homens e mulheres se inserem na sociedade, e como coloca Daolio (1995, p. 39 apud FILHO, 2013, p. 6), vão “assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação”, logo, a masculinidade se instaura nos indivíduos devido o seu caráter social. Portanto, a interpretação de um sujeito com base nos aspectos de seu corpo deve levar em consideração suas experiências, o meio em que se encontra e tudo aquilo que contribuiu para a formação daquela pessoa.

A aparência física é um dos principais fatores atrelados a identificação de gênero, e consequentemente a masculinidade, a qual enaltece corpos fortes e musculosos como forma de manifestar poder e dominação. Essa superioridade

presente na força física masculina é aplicada sobre as mulheres e também sobre outros homens. As mulheres, já dominadas de outras formas, são igualmente subjugadas pela força física masculina, sendo essa uma forma de reafirmação da heterossexualidade dos homens. Esses, que competem entre si para provar sua masculinidade, também estabelecem poder sobre outros homens, determinando um distanciamento e controle sobre seus corpos por meio de instituições e também de certas práticas relacionadas a esporte, lazer e alimentação.

Na juventude, as habilidades corporais se tornam um indicador primeiro de masculinidade, conforme vemos no esporte. Essa é uma forma-chave de ligação entre a masculinidade e a heterossexualidade na cultura ocidental, com prestígio dado aos meninos com parcerias heterossexuais e o aprendizado sexual imaginado como exploração e conquista (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 269).

No seu perfil do Instagram, Dan Bilzerian publica regularmente fotos sem camisa, de forma a exibir seu corpo. Esse comportamento acaba reforçando um padrão físico que serve de modelo para outros homens, podendo gerar problemas físicos e psicológicos para aqueles que tentam atingir determinada aparência, lembrando da existência de biotipos diferentes, impossibilitando que todas as pessoas tenham a mesma fisionomia. A influência que Bilzerian causa em relação a aparência pode ser notada pelos comentários em suas fotos, como na figura 2, na qual um brasileiro manifesta seu desejo de ter o mesmo físico que Dan ao comentar “[...] quero deixar meu *shape* assim”.

Figura 2: Exemplo de postagem relacionada a exaltação da aparência física



Fonte: Perfil de Dan Bilzerian no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B8boc2FHppY/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

Nesta mesma figura 2, pode-se perceber uma evidente associação da aparência física com a heterossexualidade e o controle feminino, já que Bilzerian aparece sem camisa rodeado de mulheres. Normalmente, os elementos que compõem a masculinidade hegemônica estão associados entre si, complementando uns aos outros e contribuindo para a construção da figura idealizada socialmente.

Connell e Messerschmidt (2013) associam a representação e emprego dos corpos dos homens à masculinidade hegemônica, que dentre suas características, tem a virilidade como um de seus elementos constituintes. Bourdieu (2020, p. 92) vê a virilidade como “uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”.

“Toda a estrutura social está presente no curso da interação, sob a forma de esquemas de percepção e de apreciação inscritos no corpo dos agentes em interação” (BOURDIEU, 2020, p. 107), ou seja, a ordem simbólica está personificada no corpo físico, que acaba por influenciar outros homens e consequentemente colaborar para perpetuação deste tipo de masculinidade, que cabe nas tipificações de masculinidades frágil e tóxica.

#### **4.2.3. A figura masculina associada ao poder**

Existe uma grande difusão da cultura produzida em centros de influência econômica, política e sociocultural, principalmente com o advento da tecnologia, sobre a estrutura de gênero locais ao redor do mundo. Em seu artigo “Políticas da masculinidade”, Connell (1995) apresenta quatro formas hegemônicas de masculinidade que tem se manifestado nestes centros culturais, principalmente os Estados Unidos, sendo uma delas “o lobby das armas”. Essa política, apresentada pelo cientista social como uma tendência que vem sendo estruturada, engrandece o poder dos homens, além de demonstrar-se antifeminista, podendo ser percebida no esporte, em brinquedos, na televisão e também na personalidade a ser estudada neste trabalho.

A arma em si é a materialização do poder do homem presente na ordem social, definido por Freud em “A interpretação dos sonhos” como um símbolo masculino, sendo uma representação da agressividade contra a mulher junto com o pênis (ARIAS, 2019). A posse de uma arma concede o poder de decisão entre vida e morte, além de tal objeto estar ligado com a violência exaltada pela masculinidade, sendo esse um instrumento de poder que é introduzido na vida dos meninos já na infância, normalizando o seu uso. Dan Bilzerian, que já serviu o exército, usualmente posta fotos com armas como a figura 3, que serve de exemplo para aqueles que o acompanham, incentivando o uso e posse de armas.

Figura 3: Exemplo de postagem relacionada a poder e armas



Fonte: Perfil de Dan Bilzerian no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B982uZGHPuB/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

O dinheiro é outro tema que relaciona-se com a masculinidade e assim como a arma, este também remete a poder. Na sociedade capitalista, o dinheiro representa independência e possibilidade, sendo que o sucesso profissional tem uma conexão direta com o quanto se ganha. Considerando a perspectiva da masculinidade hegemônica, prover a família é uma questão importante para os homens, ferindo a honra caso tenha que ser ajudado financeiramente. É por isso que, para não serem tachados como incapazes no sustento financeiro, ou até mesmo no consumo de experiências e bens desnecessários, muitos homens acabam contraíndo dívidas (MATTOS, 2013).

Bilzerian exibe constantemente uma vida luxuosa com bens materiais e experiências que só uma grande quantidade de dinheiro poderia proporcionar. Essa questão relaciona-se com o exagero das mídias sociais, nas quais ostenta-se muito apenas por aparência e *status*. Ademais, o jogador de pôquer compartilha diversas fotos nas quais expõe notas de dinheiro, como na figura 4, estabelecendo uma atmosfera de poder. Nos comentários é possível notar pessoas que relacionam o dinheiro de Bilzerian a seu pai, tirando o prestígio sobre a conquista desse, mas ao mesmo tempo nota-se pessoas que o idolatram, querendo uma vida como a dele, e até

outras que revelam o quanto uma pequena parte do dinheiro faria diferença na vida delas.

Figura 4: Exemplo de postagem relacionada a poder e dinheiro



Fonte: Perfil de Dan Bilzerian no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7eyOpVnO4a/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

Tanto as armas quanto o dinheiro são objetos que carregam um simbolismo muito grande relacionado ao poder, além de ambos estarem extremamente conectados com a masculinidade hegemônica.

## 5. Considerações Finais

A realidade social é construída com base em valores e normas, logo, concepções que constituem essa realidade, como o papel da masculinidade e feminilidade associada a gêneros também é fabricada, neste caso, seguindo uma estrutura patriarcal e machista. Embora a definição de gênero seja vista por Butler (2003) como variante, existe ainda um julgamento hegemônico predominate na sociedade, que ao longo das últimas décadas vem se desconstruindo principalmente com o movimento feminista, mas ainda vigora e se propaga devido a ordem social. De forma geral, o conceito de masculinidade coloca o homem como um ser dotado de força física, que não demonstra emoções, e principalmente, como superior à mulher.

Durante muito tempo, a masculinidade foi reforçada sem um questionamento em torno dos efeitos dessa prática tanto para homens quanto para mulheres. Com a organização do movimento feminista, esse tópico começou a ser analisado por um viés da mulher, percebendo e discutindo as diferenças propagadas entre ambos os sexos considerando as diversas esferas sociais. É a partir deste momento que nota-se o problema em torno da construção da masculinidade, e apenas décadas mais tarde que começam as discussões sobre as adversidades desta para os homens, definindo-se as masculinidades tóxica e frágil.

As masculinidades frágil e tóxica traduzem o ideal de masculinidade cultivado na sociedade durante séculos, porém, agora entende-se a implicação negativa ao redor deste conjunto de comportamentos. Agressividade, camuflagem de sentimentos, dominação das mulheres, todas essas ações estão associadas a essas masculinidades. O conceito de masculinidades desenvolvido por Connell expõe multifacetadas em torno do ser homem na sociedade, mesmo que ainda ancorado nas normas e valores sociais. Apesar disso, o autor salienta a existência do modelo hegemônico, que afeta e é afetado por outras formas de masculinidade, e acaba por servir como exemplo para vários homens, apesar desses não viverem de acordo com os princípios deste modelo (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

A masculinidade hegemônica, que sustenta o patriarcado, e está associada à masculinidade frágil, foi amplificada com os meios de comunicação digital, principalmente as mídias sociais, que passaram a dar visibilidade para indivíduos que sustentam e representam esse modelo de comportamento. Essas mídias sociais constituem-se como uma nova forma de estabelecer redes sociais, possibilitando múltiplas personalidades e vínculos firmados em sua maioria por meio de laços fracos.

Neste trabalho propôs-se entender a concepção da masculinidade frágil nas mídias sociais apoiando-se em questões teóricas como comunicação digital, estruturação das redes sociais digitais, a concepção da masculinidade na sociedade e sua relação com o feminino, além da realização da análise do perfil do Instagram de Dan Bilzerian.

Bilzerian, que pode ser considerado uma representação da masculinidade frágil na sociedade, constitui-se como influência para muitos homens, também sendo admirado por algumas mulheres. Com publicações que manifestam a dominação do feminino, exaltação do físico e o poder atrelado ao dinheiro e posse de armas, este se estabelece como reproduutor e mantenedor de uma ordem social que prejudica homens e mulheres. Entretanto, apesar do descrédito dado a Bilzerian por muitas pessoas, é inegável sua influência nas mídias sociais digitais, visto as milhões de pessoas de diversos continentes que o acompanham.

A problemática em torno de figuras como Bilzerian está começando a ressoar na sociedade. Um reflexo deste movimento é a crise da masculinidade, que condensa todas as adversidades da masculinidade hegemônica. Apesar disso, ainda existe um longo caminho a ser percorrido, para Connell e Messerschmidt (2013) é importante notar que a masculinidade hegemônica não está correlacionada com uma vida satisfatória e os autores ainda colocam como estratégia para a atualidade a instituição de uma hegemonia positiva. Já MacKinnon (apud KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2004) acredita que a resolução estaria associado a abolição da masculinidade e feminilidade, já que a masculinidade sempre definiu a sociedade e é vista pelo autor como inumana. De qualquer forma, a temática da masculinidade deve ser discutida e estudada a fim de permitir uma sociedade mais justa e saudável para homens e mulheres.

## Bibliografia

AGUIAR, Adriana. **Instagram: saiba tudo sobre esta rede social.** Rockcontent, 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/instagram/>. Acesso em: 24 out. 2020.

ARIAS, Juan. **Por que os homens vibram mais com armas do que as mulheres?**

El País. 18 jan. 2019. Disponível em: [https://brasilelpais.com/brasil/2019/01/17/opinion/1547763738\\_936846.html](https://brasilelpais.com/brasil/2019/01/17/opinion/1547763738_936846.html). Acesso em 12 nov. 2020.

ARTIGO 19. **Dados sobre feminicídio no Brasil.** 7 mar. 2018. Disponível em: <https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/03/Dados-Sobre-Feminic%C3%A1Ddio-no-Brasil-.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

BELING, Fernanda. **As 10 maiores redes sociais em 2020.** Oficina da net, 2016. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em: 24 out. 2020.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** 22<sup>a</sup>ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRASIL. Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 05 nov. 2020.

BRASIL. Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm). Acesso em: 05 nov. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAREGNATO, R. C. A., MUTTI, R. **Pesquisa qualitativa: Análise de discurso versus análise de conteúdo.** Texto & Contexto - Enfermagem, Florianópolis, v.15, n.4, p. 679-684, out./dez., 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

CARRERA, F. **Instagram no Facebook: Uma reflexão sobre ethos, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais.** Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 11, n. 22, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/6850/pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, M. **A era da intercomunicação.** Le Monde Diplomatique Brasil, 2006. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-era-da-intercomunicacao/>. Acesso em: 13 out. 2020.

COELHO, Pietro Giuliboni Nemr. **FOTOS, FACHADAS E PERSONAS: A construção identitária por meio do uso do aplicativo Instagram.** 2016. 93 p. Dissertação

(Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.espm.br/handle/tede/84>. Acesso em: 31 out. 2020.

CONNELL, Robert W. **Políticas da masculinidade.** Educação & Realidade, v.20, n.2, p.185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: Acesso em: 28 de Ago. 2020.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Estudos Feministas, Florianópolis, v.21, n.1, p.241-282, jan./abr. 2013 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 24 Ago. 2020.

CORRÊA, E. S. **Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da Comunicação.** In: XIV Congresso Internacional IBERCOM, 2015, São Paulo. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002736076.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

DA SILVA, Sergio Gomes. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos.** Psicologia Ciência e Profissão, v. 20, n. 3, set. 2000. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=pt&tlang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=pt&tlang=pt). Acesso em: 22 Set. 2020.

DA SILVA, Sergio Gomes. **A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista.** Psicologia Ciência e Profissão, v. 26, n. 1, p.118-131, 2006 Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n1/v26n1a11.pdf>. Acesso em: 21 Set. 2020.

DE PAULA, R. C. M.; DA ROCHA, F. N. **Os Impactos da masculinidade tóxica no bem estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva.** Revista Mosaico, v. 10, n. 2, SUPLEMENTO p. 82-88, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1835/1336>. Acesso em: 24 Set. 2020.

DUGNANI, P. **Meios de comunicação: Extensão e Alienação.** Revista Observatório, Palmas, v. 5, n. 4, p. 481-501, jul./set. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uff.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/6590/15508>. Acesso em: 14 out. 2020.

FERNANDES FILHO, A. O Corpo como "Veículo de Ser" na Construção da Masculinidade. **Revista Anagrama**, São Paulo, ano 6, ed. 4, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/56340/59479>. Acesso em: 12 nov. 2020.

FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?** in: Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeed092da-e3a>. Acesso em: 19 Set. 2020.

G1. **Atriz pornô jogada nua de telhado processa 'playboy do Instagram'.** São Paulo, 23 mai. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2014/05/atriz-porno-jogada-nua-de-telhado-pocessa-playboy-do-instagram.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

HOOPER, Charlotte. **Manly states: masculinities, international relations, and gender politics**. New York: Columbia University Press, 2001.

KEGLER, Jaqueline Quincozes da Silva; FROEHLICH, José Marcos. **Identidade: contexto social e interações mediadas na construção identitária**. Razón y Palabra, n.81, nov./jan. 2012/2013. Disponível em: [http://www.razonypalabra.org.mx/N/N81/V81/24\\_QuincozesFroelich\\_V81.pdf](http://www.razonypalabra.org.mx/N/N81/V81/24_QuincozesFroelich_V81.pdf). Acesso em: 31 out. 2020.

KIMMEL, M. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. **Handbook of Studies on Men and Masculinities**. Sage Publications, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia de pesquisa**. 5<sup>a</sup>ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, Frederico. **Sexo, dinheiro, força e poder: as prisões masculinas**. Papo de homem, 29 out. 2013. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/sexo-dinheiro-forca-e-poder-as-prisoes-masculinas/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

O POVO. "Rei do Instagram" é preso em Los Angeles. 11 dez. 2014. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2014/12/rei-do-instagram-e-preso-em-los-angels.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

PIRES, V. L. **A crise do macho: reflexos da relação de gênero.** In: Anais 17º COLE. Campinas: 17º COLE, p.1-17, 2009. Disponível em: [http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE\\_1832.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_1832.pdf). Acesso em: 24 Set. 2020.

RABELO, A. O. **Contribuições dos estudos de gênero às investigações que enfocam a masculinidade.** Ex aequo, n. 21, p. 161-176, 2010. Acesso em: 23 Set. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n21/n21a12.pdf>. Acesso em: 23 Set. 2020.

RECUERO, R. **Considerações sobre a Difusão de Informações em Redes Sociais na Internet.** In: Intercom Sul, 2007, Passo Fundo. Anais do VIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/r0464-1.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

RECUERO, Raquel. **A rede é a mensagem: Efeitos da difusão de informações nos sites de redes sociais.** In: Eduardo Vizer. (Org.). Lo que McLuhan no previó. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012, v. 1, p. 205-223. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

RUFINO, C. F. G. **A sociedade em rede e a segunda geração da internet: reflexões para o campo da comunicação organizacional.** In: GT ABRAPCORP 3 - Comunicação digital, inovações tecnológicas e os impactos nas organizações, 2009,

São Paulo. Anais do III ABRAPCORP, 2009. Disponível em: [http://www.abrapcorp.org.br/anais2009/pdf/GT3\\_Carina.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2009/pdf/GT3_Carina.pdf). Acesso em: 16 out. 2020.

SANTOS, S. C. M. **O modelo predominante de masculinidade em questão.** Revista de Políticas Públicas, v. 14, n. 1, p. 59-65, jan./jun. 2010.

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. E. **As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas.** Holos, vol. 6, p. 307-328, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547175023>. Acesso em: 03 out. 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil da análise histórica.** Trad. Guacira Lopes Louro. Educação & Realidade, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 29 Ago. 2020.

SCROFERNEKER, C.; SILVESTRIN, C.; SILVA, D.; OLIVEIRA, R. **Comunicação e mídias sociais: em busca de diálogos possíveis.** In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1089-1.pdf>. Acesso em: 02 de out. 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p.335-350, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12482/14259>. Acesso em: 08 Set. 2020.

SIMÕES, I. A. G. **A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação.** Revista Eletrônica Tematica, ano V, n. 05, maio 2009. Disponível em:

[https://cursoextenso.usp.br/pluginfile.php/52266/mod\\_resource/content/1/Sociedade\\_Cibercultura.pdf](https://cursoextenso.usp.br/pluginfile.php/52266/mod_resource/content/1/Sociedade_Cibercultura.pdf). Acesso em: 16 out. 2020.

**SOUZA, M. W. A Comunicação Social como Processo de Publicização: a Perspectiva do Mundo Compartilhado.** Revista Novos Olhares, v.3, n.1, p. 109-117, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/83589/86525>. Acesso em: 09 set. 2020.

**SOUZA, M. F. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s).** Mediações, v. 14, n.2, p. 123-144, Jul/Dez. 2009. Acesso em: 23 Set. 2020.

**TERRA, C. O que as organizações precisam fazer para serem bem vistas nas mídias sociais sob a ótica da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas.** In: V ABRAPCORP, 2011, cidade. Disponível em: [http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho\\_carolina.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho_carolina.pdf). Acesso em: 14 out. 2020.

**TERRA, C. Relacionamentos nas mídias sociais (ou relações públicas digitais): estamos falando da midiatização das relações públicas?** Organicom, ano 12, n. 22, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139271/134612>. Acesso em: 06 out. 2020.